



EDITORIAL / EDITORIAL

TEOLOGIA DESCOLONIAL?

Decolonization Theology?

Luis Herrera Rodríguez SJ¹

O tema do presente número de *Perspectiva Teológica* é “Teologia descolonial”, um campo teológico ainda por ser explorado na América Latina num contexto em que as implicações do pensamento descolonial, sob diversos aspectos, tanto na atividade cognitiva, como na vida prática, ocupam as agendas acadêmicas nas Américas e na Ásia. Por exemplo, no momento em que escrevemos realiza-se em Lima, Peru, organizada por um instituto da Pontifícia Universidade Católica, a III Jornada sobre Teoria Crítica, com o título “Crítica y progreso social: Desafíos post y de-coloniales”. Mas bastariam cinco minutos de navegação na internet, pesquisando com a expressão “pensamento descolonial”, para nos darmos conta que não exageramos ao dizer que esse é um dos grandes temas de interesse nos últimos vinte anos. Se fizermos essa busca em inglês demoraremos ainda menos tempo, pois desde os primeiros instantes já seremos inundados pelas informações. O mesmo, contudo, não ocorre se fizermos a busca pela expressão “Teologia Descolonial” (ou “Decolonial”): os resultados serão minguados. Se assumirmos um modelo teológico de correlação crítica entre a “situação” e o “fato cristão” (nas linhas de Tillich, Schillebeeckx, Tracy ou das Teologias da Libertação), teríamos razões para suspeitar que algo não anda bem na análise da situação na América Latina.

¹ Luis Herrera Rodríguez SJ é professor de Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

Sorte melhor tem a expressão “Teologia Pós-colonial”, tanto assim que as revistas *Concilium* (nº 350, 2013/2) e *Voices* (v. 37, nº 1, 2014) dedicaram a ela esses números. Joseph Duggan, um dos autores daquele número de *Concilium*, anima-se ali a dizer que a Teologia Pós-colonial começou a tomar forma como disciplina teológica, entendida como saber constituído formal e materialmente, a partir de 2003. Contudo, se examinarmos a bibliografia do seu artigo, descobriremos que não há uma só referência de obra de Teologia Pós-colonial elaborada na América Latina. Todas suas referências são em inglês, e voltadas à análise da influência dos estudos pós-coloniais sobre os estudos bíblicos. Isso já nos diz algo sobre o reconhecimento, ou a ausência de reconhecimento, da Teologia Pós-colonial.

Teologia Pós-colonial e Teologia Descolonial querem dizer a mesma coisa? Se nos remetemos àquele evento que está se realizando em Lima, tomamos consciência que os prefixos “pós-” e “de-” não podem ser usados indiscriminadamente. Alguns pensadores do campo dos estudos de(s) coloniais² romperam definitivamente com o “pós-”, que, na análise da situação, conduz a equívocos. Romperam também com o “de-” por razões de delimitação do estatuto epistemológico. Por outro lado, os editores do número de *Concilium* sobre Teologia Pós-colonial a definem como aquela que “analisa o impacto do colonialismo sobre a Teologia e os conceitos teológicos, respectivamente”. Colonialismo é ali definido como “a pretensão de domínio ou superioridade de uma cultura sobre outra(s) cultura(s)”. Será que isso então quer dizer que a Teologia Pós-colonial é reduzida a uma “teoria crítica do conhecimento”, e que vivemos numa situação de pós-domínio de uma cultura sobre outra? Pelo lado da Teologia De(s) colonial, Paulo Agostinho Nogueira, em seu artigo neste número de nossa revista, diz que a Teologia Pós-colonial não é muito conhecida, e que são escassas as referências para chegarmos a conhecer suas principais intuições. Em resumo, um pensador de(s)colonial tem clareza sobre as diferenças entre o “pós-” e o “de(s)-”, e um teólogo, no presente, precisa de mais referências.

Se tiver fundamento a suspeita de que é prematuro falar de uma Teologia De(s)colonial nas Américas, não negamos com isso a possibilidade de que, no diálogo com a Teologia da Libertação e outras Ciências, as intuições do que se considera Teologia Pós-colonial podem adquirir consistência e demonstrar seu estatuto de disciplina teológica. Para Stefan Silber, teólogo leigo alemão que trabalha há muitos anos na Bolívia, a Teologia da Libertação e a Teologia Pós-colonial são duas Teologias irmãs que têm muito que conversar, mas que, para isso, precisam se encontrar mais vezes.

² A partir de agora escreveremos “de(s)colonial” visando empregar um termo que engloba “descolonial” e “decolonial”, pois a maior parte da literatura se vale só desse último, “decolonial”.

No entanto, na América Latina, será que não foi a Teologia da Libertação a primeira tentativa refletida de de(s)colonizar o discurso teológico, e de promover uma práxis de libertação precisamente em relação às múltiplas heranças coloniais, verdadeiras distorções sistêmicas e de pecado? Além disso, será que a Teologia da Libertação com enfoque intercultural não propõe de(s)colonizar os imaginários e as estruturas simbólicas de toda discriminação, com o intuito de gerar espaços de reconhecimento e de convivência des-hierarquizada? Por que não pensar que o caminho não seria a elaboração de uma nova Teologia como disciplina própria, mas sim a intensificação daquilo que a Teologia da Libertação já tem de de(s) colonialidade? Por que não trabalhar a “guinada de(s)colonial” como movimento interno da já estabelecida, reconhecida e sempre desafiada Teologia da Libertação? No que resta deste Editorial, consideraremos algumas intuições que ajudam a explorar essa perspectiva segundo o método ver-julgar-agir.

a) Ver

O que podemos “ver” é a fragilidade do estatuto epistemológico de uma Teologia De(s)colonial na América Latina, situação já aludida nas páginas anteriores. Marcelo Barros ajuda-nos a continuar “vendo”. No artigo “Teologias Pós-coloniais e espiritualidade do bem-viver”, publicado em *Voices* (v. 37, nº 1, 2014), ele reconhece que não se sente com competência para escrever sobre a Teologia Pós-colonial em si mesma, mas que se dispõe a estabelecer um diálogo entre a Teologia da Libertação e a Teologia Pós-colonial propondo como tema de conversa a espiritualidade do bem-viver, paradigma de outro modo de vida recuperado a partir de culturas indígenas.

A honestidade de Barros ao confessar sua “incompetência” para escrever sobre “Teologia Pós-colonial em si mesma” convida-nos a perguntar se temos a competência para produzir Teologia De(s)colonial em si mesma. O fato de não contarmos com produções teológicas de(s)coloniais paradigmáticas faz-nos pensar, obviamente, se temos competências, mas também se existe vontade de incrementar tais competências. Será que estamos atentos, por exemplo, à produção teológica elaborada pelas vítimas da exploração neocolonial contemporânea? Referimo-nos às Teologias Indígenas, Teologias Feministas, Teologias Negras, Teologias Gays e outras expressões e saberes periféricos produzidos às margens da academia e da sociedade. As Teologias de um Domingo Llanque (1940-2003), sacerdote aymara peruano, e de Vicenta Mamani Bernabé, teóloga aymara boliviana, por exemplo, não sairão do círculo da Teologia Indígena até que “ocorra algo” que descentre o olhar da epistemologia teológica hegemônica e faça esta compreender que competências teológicas podem existir fora da academia, e que a relação ambígua entre poder e conhecimento está dentro de casa.

b) Julgar

O que entendemos por “guinada de(s)colonial”? Propusemos há pouco que um dos caminhos a seguir é o de intensificar a “guinada descolonial” da Teologia da Libertação. Para entender isso, precisamos falar dos estudos pós-coloniais latino-americanos, e do projeto modernidade/decolonialidade.

Os estudos pós-coloniais surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra nos anos 1980. No âmbito dos estudos latino-americanos, os estudos pós-coloniais foram acolhidos pelo grupo modernidade/colonialidade, e pelo grupo de estudos subalternos. O núcleo original do modernidade/colonialidade era composto, no final da década de 1990, pelo sociólogo Aníbal Quijano, o semiólogo Walter Dignolo, o filósofo Enrique Dussel e o sociólogo Edgardo Lander, e a ele logo se juntariam outros investigadores. O tema que os uniu foi o projeto “Geopolíticas do conhecimento”. Dignolo mostra que as Ciências Sociais modernas produzem objetos de conhecimento, como “América Latina” e “Terceiro Mundo”, que são apenas estratégias cognitivas de subalternização de outros conhecimentos localizados étnica e geograficamente. A partir desses lugares, segundo Dignolo, devem surgir as verdadeiras resistências cognitivas e sociais ao sistema dominante. Aníbal Quijano, por sua vez, define a colonialidade como padrão de poder sustentado pela hierarquização étnico-social, isto é, pela imposição da identidade branca e europeia sobre as demais identidades (indígena e negra), e por todas as relações de poder: econômicas, políticas, sociais, culturais, religiosas e intersubjetivas³. Mediante essas referências, que seguimos devido à autoridade que elas têm dentro do projeto modernidade/colonialidade, entendemos que, por “guinada de(s) colonial”, se compreende o processo de de(s)colonização da matriz colonial do saber, do poder e do ser, na epistemologia e na cotidianidade da vida. Uma guinada que engloba, portanto, crítica, resistência e atuação sobre o conhecimento e sobre os modelos de desenvolvimento e convivência.

c) Agir

Não é difícil tirar as consequências para a ação. A primeira delas é conhecer e entrar em diálogo com o projeto modernidade/colonialidade. É claro que não se trata de um grupo homogêneo. Com relação à religião ou à Teologia da Libertação, por exemplo, para alguns representantes desse projeto o cristianismo foi e continua sendo um bom representante do projeto colonizador. Para Dussel, em outro ponto de vista, as Teologias latino-americanas da Libertação criaram um novo conceito de transforma-

³ QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder y clasificación social”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. *El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

ção social conectada com agendas políticas emancipatórias⁴. Esse diálogo pode ajudar a Teologia Pós-colonial a continuar traçando seu perfil. A segunda consequência para a Teologia é a vigilância crítica sobre sua própria linguagem e epistemologia, para evitar a cumplicidade com a colonialidade do poder e do saber. A terceira e última consequência é aprender a escutar as narrativas de resistência e as Teologias situadas às margens da academia e da sociedade.

Para terminar, a colonialidade ambiental e o modelo extrativista de desenvolvimento estão gerando um dos maiores sofrimentos do mundo. Não é necessário ler os jornais, nem entrar na internet, para encontrarmos essas vítimas. Cada um de nós pode ser uma delas. Nossa casa comum transformou-se num imenso “depósito de lixo” (*Laudato Si'*, 21). A Teologia de(s)colonial – ou “guinada de(s)colonial” da Teologia –, ou leva muito a sério o tema da Ecologia, ou então deixará de ser um bom assunto para artigos de revistas de Teologia e verbetes de dicionários teológicos.

⁴ Cf. FERNANDEZ ALBAN, Ary. Des-colonialidad y Teología de la Liberación: una exploración del desarrollo del “pensamiento des-colonial” y sus implicaciones para las Teologías latinoamericanas de la Liberación. Disponível em: <www.latinoteology.org/node/128>. Acesso em: 23 out. 2016.